internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Ausência de líderes amplia espaço para Lula na COP31

Presidente vai em busca de mais recursos para o Fundo das Florestas

/ MEIO AMBIENTE

Países do "Norte Global" ganharam o troféu Fóssil do Dia, ontem, pela ausência de seus líderes na COP31. Mais um sinal de que sobrarão holofotes para Luiz Inácio Lula da Silva, hoje, em Antália, quando a conferência do clima abrirá espaço para dois dias de encontro entre chefes de Estado.

Ao lado do anfitrião, Recep Tayyip Erdogan, Lula participará da abertura oficial da cúpula. Deve ser o terceiro a discursar, após António Guterres, secretário-geral da ONU, e o presidente turco. Antes, nesta terça, os dois líderes se encontraram.

Pelos efusivos aplausos cada vez que seu nome ou a lembrança de sua surpreendente vitória na eleição é citada na conferência, a tendência é uma reedição da COP27, em 2022.

Em Sharm El-Sheikh, no Egito, um Lula recém-eleito para o terceiro mandato foi tratado como super-herói ambiental, já que substituiria a gestão Jair Bolsonaro (2019-2022), em que houve elevação do desmatamento.

Quatro anos mais tarde, com desmatamento em baixa histórica e um renovado apelo internacional, Lula deve ser protagonista também do segundo evento da jornada, uma discussão de alto nível sobre florestas, em que será acompanhado pelo primeiro-ministro norueguês, Jonas Gahr Støre.

TURKISH PRESIDENCY PRESS OFFICE/AFP/JC



Lula participa hoje da abertura oficial da cúpula ao lado de Erdogan

Brasil e Noruega são os principais dirigentes do TFFF, o fundo de florestas lançado oficialmente por Lula na COP30, em Belém. O mecanismo, visto com interesse pelo mercado financeiro internacional, precisa alcançar US$ 10 bilhões de investimento público até o fim deste ano, por exigência dos noruegueses. Os valores serão usados como catalisador para recursos privados, até US$ 100 bilhões pelo plano inicial, que remunerarão países em desenvolvimento que mantiveram florestas em pé.

"Foi uma iniciativa incrivelmente bem executada pelo governo brasileiro. Quando anunciaram isso pela primeira vez em Dubai, na COP28, ninguém levou a sério", diz Felix Finkbeiner, da Plant-for-the-Planet, um dos principais observadores do projeto.

"Estamos preocupados com a meta de US$ 10 bilhões, mas a verdade é que já existem US$ 7,8 bi empenhados. Nunca tanto dinheiro foi levantado pelas florestas", diz o ativista, que fundou sua entidade, na Alemanha, em 2007, quando tinha apenas 9 anos.

Finkbeiner diz não acreditar em grandes avanços nesta COP, exceção feita a pequenas contribuições privadas, como o US$ 1 milhão anunciado nesta terça-feira pela Conservation International. Porém, mas tem convicção de que o projeto não vai morrer na praia.

Sua única interação com a imprensa deve acontecer amanhã, quando visitará o Pavilhão do Brasil e receberá integrantes da sociedade civil presentes em Antália. Ainda nesta quinta, o presidente brasileiro segue para as Filipinas, onde participará como convidado de reunião da Asean (Associação de Nações do Sudeste Asiático).

Países lançam declaração para dobrar energia solar em telhados até 2030

Cinco países apoiaram um plano para dobrar, até 2030, o número de residências com painéis solares em telhados no mundo, enquanto as negociações climáticas da ONU na Turquia focam a ampliação do acesso à eletricidade e a transição para longe dos combustíveis fósseis.

A Declaração Global de Energia Solar em Telhados foi lançada ontem, no segundo dia da COP31. A meta é elevar o total de casas com painéis solares em telhados de cerca de 150 milhões atualmente para, no mínimo, 300 milhões até 2030. "Este é o futuro da energia acessível", disse Sonia Dunlop, diretora-executiva do Global Solar Council. "É assim que podemos ajudar trabalhadores comuns a se proteger de futuras altas de preços."

A COP31 ocorre após um ano de desastres climáticos mortais e em meio à preocupação crescente de que governos não estejam fazendo o suficiente para conter o aquecimento global. Choques recentes no setor de energia ligados à guerra Rússia-Ucrânia e à guerra com o Irã também aumentaram o interesse por fontes renováveis.

As negociações climáticas da ONU já foram criticadas no passado por promessas que depois não se concretizam. Para que objetivos de energia solar em telhados tenham impacto relevante nas emissões, especialistas afirmam que será necessário avançar rapidamente com políticas para modernizar redes elétricas e subsidiar painéis solares e baterias.

"A promessa é uma promessa", disse Bruce Douglas, diretor-executivo da Global Renewables Alliance. "Agora precisamos ver políticas nacionais e marcos regulatórios em vigor."

Bangladesh, Quênia, Nigéria e Vanuatu se juntaram à Austrália ao endossar a declaração, em Antália, cidade turística onde a COP31 é coorganizada por Turquia e Austrália. Parlamentares de outros 21 países - incluindo Reino Unido, África do Sul e Sri Lanka - também apoiaram a iniciativa. A estatal de energia elétrica da Indonésia, Perusahaan Listrik Negara, também aderiu. Como muitos compromissos firmados em cúpulas do clima da ONU, a declaração é voluntária e não vinculante.

A eletrificação é um dos pilares da COP31, com a Turquia defendendo que a eletricidade - de preferência gerada por renováveis como solar e eólica - represente 35% do consumo global de energia até 2035. "A eletrificação por si só é extremamente benéfica por causa dos ganhos de eficiência. As renováveis, novamente, são muito benéficas. Junte as duas e é uma combinação poderosa", disse Douglas.

As iniciativas da Turquia e da Austrália chamam atenção para a matriz energética dos dois países, que ainda depende fortemente de combustíveis fósseis. Na Turquia, solar e eólica representam quase 23% da geração de energia, mas o carvão foi a maior fonte de eletricidade do país no ano passado, com 33% do total, segundo o Ministério de Energia e Recursos Naturais.

Na Austrália, uma em cada três casas tem painéis solares no telhado e mais de 700 mil residências contam com baterias para armazenar energia. O carvão, porém, ainda responde por mais de 40% da geração elétrica do país, que também é um dos maiores exportadores globais do mineral.

Rússia, Ucrânia e EUA iniciam rodada de negociações para tentar encerrar guerra

/ GUERRA DA UCRÂNIA

Rússia, Ucrânia e Estados Unidos iniciaram ontem, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, uma rodada de negociações de dois dias para tentar encerrar a guerra iniciada com a invasão russa há quase cinco anos. É o primeiro encontro trilateral desde fevereiro, e o foco será a definição de garantias de segurança futuras, segundo a Casa Branca.

O genro do presidente Donald Trump, Jared Kushner, que participa da mediação ao lado do enviado Steve Witkoff, disse acreditar que há "boas ideias para superar" as divergências. Na abertura, defendeu a criação de "um novo arcabouço" para sustentar a paz por décadas ou séculos. O general americano Alexus Grynkewich, comandante da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), também participou das conversas.

As expectativas, porém, são limitadas após três rodadas anteriores sem avanços significativos. "Não tenho expectativas muito altas", afirmou o chanceler alemão, Friedrich Merz, na segunda-feira. Os combates continuam: a Ucrânia relatou o lançamento de 162 drones e um míssil balístico russos durante a noite, enquanto Moscou afirmou ter abatido 155 drones ucranianos em oito regiões e na Crimeia, anexada em 2014.

O chefe da delegação ucraniana, Rustem Umerov, diretor do Serviço de Inteligência Estrangeira, disse esperar uma "paz duradoura". Antes da sessão trilateral, os representantes de Kiev se reuniram com enviados dos Estados Unidos, do Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Otan e Comissão Europeia. O negociador-chefe russo, Vladimir Medinsky, afirmou que sua equipe está "maior e mais profissional" e manifestou esperança de progresso.

As posições de Moscou e Kiev continuam distantes. O presidente russo, Vladimir Putin, exige que a Ucrânia retire tropas de quatro regiões anexadas pela Rússia em 2022, embora não totalmente controladas, abandone a ambição de ingressar na Otan e aceite restrições militares, além de mudanças em relação à língua russa e à Igreja Ortodoxa ligada a Moscou.

O mandatário russo rejeita um cessar-fogo geral antes de um acordo, sob o argumento de que isso permitiria a Kiev se rearmar. Já o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, rejeita ceder territórios ou aceitar limites às Forças Armadas e aos vínculos com parceiros ocidentais. Kiev defende um cessar-fogo imediato e um encontro direto entre os presidentes para resolver a questão territorial, propostas recusadas por Moscou.

Washington também busca discutir um arranjo mais amplo para a segurança europeia, apoiado pela Rússia. Países da União Europeia, porém, receiam que a proposta norte-americana favoreça Moscou. Líderes do Kremlin se opuseram à participação europeia nas conversas trilaterais, mas admitiu a entrada de representantes da UE em uma etapa posterior.